

O ENSAIO EPISTOLAR DE EDUARDO LOURENÇO: HIBRIDISMO, HETERODOXIA, LIBERDADE

Maria de Lourdes Soares
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO

Reflexões sobre o ensaio. A tradição de Montaigne, um *lugar vazio* na cultura portuguesa. O *lugar entre* ou a *dupla condição* do ensaísmo de Eduardo Lourenço. A epistolografia em Portugal. Ensaio, Carta, Literatura: interseções e hibridizações. O ensaísta-epistológrafo e as cartas-ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio literário, ensaio epistolar, Eduardo Lourenço.

ABSTRACT

Reflections on essays. Montaigne's tradition, an empty space in Portuguese culture. The space "in between" or the double condition of Eduardo Lourenço's writing of essays. The epistolographer in Portugal. Essay, Letter, Literature: intersections and hybridism. The essayist-epistolographer and the letter-essays.

KEYWORDS: literary essay, epistolographic essay, Eduardo Lourenço.

1.

Ao responder sobre as razões da sua preferência pelo ensaio, Eduardo Lourenço esboçou uma breve teorização, ressaltando a criação do paradigma por Montaigne, o caráter “híbrido” do gênero e a sua liberdade, por “permitir uma reflexão sobre os assuntos mais diversos, sem ter a preocupação sistemática de uma reflexão propriamente filosófica” (LOURENÇO, 1999, p. 6). A exigência de liberdade e o fato de ser um gênero que nasceu moderno o predisõem a transitar entre fronteiras, situando-se entre Filosofia e Arte.

Definindo-se como “espaço de *dúvida*”, “lugar de *recusa* de toda pretensão a fixar”, a “obra-Proteu” de Montaigne (*Essais*, 1580-1588) move-se pela paixão de compreender “sem ilusões o homem” (descoberta de si mesmo e do homem em geral), “des-territorializ[ando] todos os discursos em circulação na época”. Montaigne, no entanto, é um “*lugar vazio*” no contexto da cultura portuguesa e essa “não-presença” (LOURENÇO, 1998, p. 275-281) torna-se um dado desta cultura – a não-reflexão crítica sobre si mesma. Não é à toa que Lourenço tanto se preocupa com a *autognose* e problematiza o aproblematismo português, privilegiando a interpelação dos escritores à realidade nacional, sobretudo a partir do Romantismo: “a partir de Garrett e Herculano, *Portugal*, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo de pulsão literária determinante” (LOURENÇO, 1991, p. 80). Com seus ensaios Lourenço contribui para preencher este *lugar vazio*, inscrevendo-se, de modo singular e em resposta ao apelo das questões prementes de seu próprio tempo, na melhor tradição do subversivo discurso de liberdade do mestre.

No estudo “O ensaio em geral”, Eduardo Prado Coelho comentou “sobre o papel instabilizador do ensaio na arquitectura dos gêneros”, considerando, para efeitos didáticos, que a “história do *ensaio*” vacila entre dois tipos de títulos: o do “ensaio sobre a *essência* do ensaio” (título que remete à obra de Sílvio Lima, de 1944, mestre de Lourenço em Coimbra), em que “predomina a noção de *exame*, com o seu rol de consequências: a exigência, o gosto, a prova, o peso, a balança”, e o do “ensaio sobre o ensaio”, em que “avulta a importância do *enxame*, nuvem de pássaros, mancha indecisa de multiplicidades, proliferação ilimitada, jogo de espelhos” (COELHO, 1997, p. 18-20, grifos do original). Entre duas perspectivas extremamente polarizadas – a que conduz à “rejeição de quaisquer limites”, decorrente em grande parte da noção alargada de texto, e a que, avessa à dissolução dos limites, pratica uma espécie de “terrorismo de fronteiras” –, Prado Coelho sugeriu uma terceira, significativamente próxima à da *mecânica dos fluidos*, conforme a imagística que lhe é tão cara, em que os limites são “sutis mecanismos de rios, margens e pontes, nos quais a vocação deambulatória do ensaio enquanto exercício de liberdade e tolerância, composição harmoniosa de exame e enxame, poderá recuperar a mais profunda e apaixonante razão de ser” (COELHO, 1997, p. 49). Entre *exame* e *enxame*, terceira margem desenhada na sinuosidade, fluidez e persistência de rio, aplica-se com propriedade aos ensaios daquele que ousa agitar o infinito mar do pensamento “com a vara apaixonada da literatura”, “um gesto sublime, e deste sublime apenas os poetas falam” (COELHO, 1997, p. 123).

Num artigo de 1954, o “jovem Lourenço” afirmou que no mundo da criação há “os poetas e os outros”. Tendo cedido à “tentação de ser crítico” literário, é aos *outros* que pertence (LOURENÇO in SOARES, 2003,

p. 61), reconhecendo, mais tarde, que o sonho do crítico é ser criador “à part entière” e o “que queria, de facto, era escrever poemas e romances” (CATROGA; GIL, 1996, p. 53-54). Nos poemas, textos de ficção e páginas diarísticas (na maior parte inéditos) há inúmeros rastros do desejo de pertencer *aos poetas*, mas é no ensaio que melhor consegue realizá-lo. Dotado de “vontade de estilo” (MARICHAL *apud* GOULART, 2003, p. 22) e de imaginação, trava um verdadeiro combate no campo da linguagem em busca dos meios expressivos mais adequados – a utilização recorrente de imagens poéticas e jogos verbais, a exploração dos recursos gráficos, como o itálico – para melhor veicular o movimento do seu pensamento. Seus ensaios exigem um leitor atento, capaz de participar da visão problematizadora proposta e de atravessar o seu esplendor, o efeito estético que produzem, sem se deter na pura contemplação. É precisamente essa escrita que se produz na “dupla condição de ensaísmo literário” – por com frequência privilegiar “a palavra e a voz dos nossos grandes escritores” e por que nele emerge “uma palavra *outra* e a voz que a enuncia” – que permite considerá-lo, “pelo rigor do pensar” e “o poético da linguagem”, conforme os termos da ata da atribuição do Prêmio Camões ao ensaísta em 1996 (REIS, 2003, p. 78), um escritor em língua portuguesa.

2.

O gênero epistolar é um gênero cultivado desde a Antiguidade (Cartas a Lucílio de Sêneca; Cartas de Cícero; *Epístolas* de Horácio, sobretudo a “Epístola aos Pisões”, mais conhecida como *Ars Poetica*, que se tornou o modelo do gênero). Em Portugal, as primeiras manifestações do gênero são os chamados “epistolários individualizados” do Século XV (Lopo de Almeida, Fr. João Álvares, Fr. João Claro e D. Pedro [o das sete Partidas]). Francisco Rodrigues Lobo, primeiro teorizador da epistolografia, nos diálogos iniciais de *Corte na Aldeia*, de 1619, expôs as principais regras da arte de escrever cartas para que elas sejam consideradas de “homem de corte”, bem como os tipos de cartas de acordo com o assunto e as qualidades comuns recomendáveis (brevidade, clareza e propriedade).

Não é muito expressiva a epistolografia portuguesa em termos de publicações de coletâneas de *cartas vivas* (as que foram de fato enviadas ou escritas a um destinatário) com interesse literário. Na recensão ao livro *A epistolografia em Portugal* de Andrée Crabbé Rocha (1965), Lourenço (1966, p. 972-976) refletiu sobre as dificuldades de publicação de estudos importantes como esta “significativa amostra da riqueza epistolográfica nacional”, estudo que traz a “marca de definitivo”: “este descaso editorial será ele mesmo eco refractado do maior e mais estranho descaso que os portugueses reservaram à actividade epistolar, ou pelo menos, à sua recolha e divulgação?”. Observou que “a *valoração* das cartas depende de uma certa visão da Literatura” e, no caso da estudiosa, “visão acaso demasiado mitificante da actividade literária e, sobretudo, dos escritores”. Nas cartas de Garrett à Viscondessa da Luz, por exemplo, há outras leituras possíveis, diferença “que provirá da idéia que cada qual se faz do que é *uma carta* e das suas relações ou não-relações com a Literatura”. Assim, apontou diversos atrativos que do ponto de vista da “boa literatura” são tidos como “visíveis defeitos”: “a total *ausência de pose*”, o “desnudamento roçando o impudor”, ou algo ainda mais sedutor para o leitor, “por raro entre portugueses”, “o

verificar *justamente* que não há *hiatos* entre o homem de letras e o homem das cartas”. Em lugar de impor à epistolografia um ideal tão elevado “que até a chamada Literatura poucas vezes cumpre”, em cartas que suprimem o dilema Literatura x Epistolografia, como as de Garrett, é mais produtivo encontrar o “processo de ler a primeira no espelho da última”.

Epistológrafo contumaz, Lourenço correspondeu-se com diversas figuras representativas da cultura: Miguel Torga, Hernâni Cidade, Jacinto do Prado Coelho, Agostinho da Silva, Casais Monteiro, Ruben A., David Mourão-Ferreira, Joel Serrão, Agustina Bessa-Luís, Vergílio Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Jorge de Sena, Mário Botas, Urbano Tavares Rodrigues e Luciana Stegagno Picchio, entre outros. Algumas de suas cartas foram publicadas em jornais e revistas e apenas uma pequena parte de sua correspondência foi reunida em livro¹.

Em “Carta para ninguém”, prefácio à correspondência com Jorge de Sena, o ensaísta teorizou breve e argutamente sobre o gênero epistolar e as implicações deste tipo de publicação: “uma correspondência nem sempre é um diálogo”. Tecida “na comum vida de mútua ausência pátria”, por vezes rarefeita por mútuo silêncio, “interrupção natural, filha do acaso”, esta correspondência, sobretudo devido às diferenças de temperamentos dos dois missivistas, não se constituiu “em dialogante osmose de alma a alma”. Deslizou no arco temporal que recobre como “espaço branco da comunicação incomunicante”, “dissonância íntima de duas vozes”, duas “ausências sem grandes ilusões sobre o poder da escrita para substituir, como diria S. João da Cruz, ‘la presencia y la figura’”, embora testemunhe a “ocasional comunicação entre duas pessoas interessadas, de modo diverso, mas igualmente intenso, nos destinos e na vida cultural do nosso país” (LOURENÇO, 1991a, p. 9-10). Estas observações oferecem matéria para pensarmos as cartas: sua função prioritariamente comunicativa, pressupondo o diálogo entre signatários, pedra angular do gênero, e a expectativa de resposta, dando continuidade ao processo comunicativo, pois, como lembra Barthes (1986, p. 33), as cartas “impõe[m] implicitamente ao outro de responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra”; suportam mal o silêncio, origem de angústias e desentendimentos; têm a função, já assinalada por Sêneca e Cícero, de presentificar a ausência, de concretizar o destinatário para o seu interlocutor, corporificando a mão do amigo gravada em papel; o sentido que adquirem quando reunidas em conjunto e divulgadas ao público: modifica-se o caráter *reservado* original, rompe-se “a barreira do segredo ‘pour toi’”, “transformando-o em uma revelação ‘pour tous’”, conforme expressão de Valéry numa carta a Gide (VALENTIM, 2006, p. 54), portanto, “os protocolos de leitura são alterados”, “pois a mesma imediatez performativa inicial é dissolvida e elas passam a ser objeto de contemplação por assim dizer ‘teórica’ de um terceiro, o leitor” (HANSEN, 2003, p. 12), tornando-se possível traçar perfis dos correspondentes e obter uma memória cultural e histórica de uma época ou geração, fundamental sobretudo para povos que habitualmente não a cultivam; e, ainda, a função que assumem em uma cultura como a portuguesa, marcada pelo signo da viagem ao longo da sua história de navegações, migrações e exílios.

Tal como o ensaio, a carta também escapa a definições rígidas e pode ser considerada uma “forma híbrida”, permitindo “situar o que se escreve num entre-dois, ambivalente e ambíguo, entre a vida e a obra, o biográfico e o literário” (RIAUDEL, 2000, p. 98), o prosaico e o poético.

Os estudos sobre a carta, enquanto escrita do eu, testemunho e laboratório da criação, abrangem um amplo campo interdisciplinar, desde a história das mentalidades, para a qual a carta contribui como importante fonte, às disciplinas interessadas nos processos da criação, como a psicanálise e a crítica genética, que perscruta os rastros, os arquivos da criação, para estabelecer a gênese de uma obra, exemplificada no Brasil nas pesquisas sobre a epistolografia de Mário de Andrade. Por vezes a literatura recorre à forma epistolar em busca de meios de expressão e caminhos de renovação. Na literatura portuguesa do século XX e princípio do XXI, por exemplo, nas cartas-poemas de Sophia de M. B. Andresen, Jorge de Sena e Nuno Júdice, e nos romances *Novas cartas portuguesas* de Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, *Lusitânia* e *Cavaleiro andante* de Almeida Faria, e *Cartas a Sandra* de Vergílio Ferreira.

3.

O ensaio epistolar é uma forma rara do gênero ensaio. Se a carta define-se pelo caráter privado, pelo segredo (a inviolabilidade do sigilo da correspondência é inclusive prevista na Carta Magna do Brasil), e a princípio não é escrita com intenção de publicação, o ensaio epistolar é deliberadamente escrito tendo em vista a dimensão pública, e, mesmo se dirigido a um destinatário específico, pretende contemplar um destinatário alargado, em última instância, o leitor em geral.

Ensaísta profícuo, Lourenço escreveu e “enviou” vários ensaios epistolares, além da já referida “Carta para ninguém”, em que, ao apresentar o volume, reflete sobre a própria correspondência com Sena e sobre a correspondência em geral. Nem todos têm o mesmo tom e propósito nem idêntica “fidelidade” aos elementos constitutivos da estrutura epistolar. Abordaremos alguns, sem pretensão de levantamento exaustivo.

Ao escrever “Carta melancólica aos leitores jovens do nosso país”, talvez seu mais antigo ensaio epistolar, datável dos anos 50, Lourenço era ainda um jovem, como os “queridos leitores”, o “vós” a quem se dirige. A melancolia não provém de perceber que “o homem está só”, pois o que vale a pena nasce de uma solidão fecunda, mas de conhecer o “vosso desamparo num mundo onde vos oferecem ou uma ordem que apresenta razões de uma só face [ou] o niilismo que os dispensa”, afirmações que remetem à noção de *heterodoxia*, conforme o título do seu primeiro livro (*Heterodoxia*, 1949), em que, face às posturas extremadas da época, ensaia uma terceira via ou caminho de liberdade. A mensagem aos leitores desta carta-ensaio é o convite-exortação (dirigido também a si próprio) a visitar os criadores de beleza e verdade para lutar contra a “corrupção contínua da baixeza”, enfim, a buscar “nas fontes da espiritualidade e do humanismo europeu” formas de resistir ao “anedotário ignóbil” (LOURENÇO, 2009, p. 16-17), refratário ao belo e justo.

Em “Brasil – caução do colonialismo português”, apenas a “saudação” (“Caros amigos”) dirigida a um “vós” (os articulistas do jornal *Portugal Livre* de São Paulo) remete diretamente à forma epistolar. A intenção deste ensaio de 1960, publicado no contexto dos movimentos de libertação das colônias portuguesas da África e dos discursos de legitimação do

colonialismo pelo regime salazarista, é denunciar o grau de alienação da consciência portuguesa, sublinhando a falta de percepção dos articulistas deste “jornal confessadamente anticolonialista” sobre o verdadeiro alcance da viagem de Juscelino Kubitschek a Portugal por ocasião das Comemorações Henriquinas: “o da antiga colônia, a colônia-tipo, o prodigioso Brasil”, servir de caução do colonialismo português, ato que, da perspectiva do Brasil, ofendia “na raiz a essência mesma” da sua “mitologia profunda” de “nação anticolonialista” (LOURENÇO, 1976, p. 37-40). Já em “Carta a Camila” (2005), mantém a moldura epistolar, desde os elementos que localizam o discurso no espaço e no tempo (local e data postos no início, e não no final, conforme prática frequente em seus ensaios, inclusive nos epistolares) até às recomendações a conhecidos comuns e às palavras de despedida. Todavia, mais importante do que assinalar a presença desses elementos é perceber, além do tema da mensagem, a relação entre o “remetente” e o “destinatário” postos em situação comunicativa. Inscrevendo-se na temática das relações luso-brasileiras – “ou antes, [d]as não-relações” (LOURENÇO, 1999a p. 147), esta resposta às “considerações e mesmo objeções” da autora sobre o seu modo de ver os “labirínticos laços” entre Portugal e o Brasil ilustra exemplarmente a distância entre os respectivos discursos culturais, a começar pelos próprios “laços, ou antes, a percepção deles e a sua leitura” (LOURENÇO, 2005, p. 159-160). Ao mesmo tempo, apesar do diagnóstico pouco ou nada otimista sobre o estado das relações entre os dois países, ou por isso mesmo, revela o desejo de promover um efetivo diálogo intercultural.

A travessia das fronteiras entre o domínio privado e o público é explicitamente encenada pela carta aberta, uma das modalidades do gênero epistolar. A “Epístola aos Pisões” de Horácio e a “Epístola de Paulo aos Coríntios” podem ser consideradas cartas abertas da Antiguidade, na medida em que, mesmo destinadas a certas personagens ou grupos, abordam temas de interesse para toda a comunidade. Lourenço “enviou” vários ensaios epistolares em forma de cartas abertas, algumas movidas pela tentação polêmica ou para expressar uma opinião política, outras para manifestar um pensamento filosófico ou para homenagear amigos.

“Carta aberta ao português que ainda não foi a Belém” foi publicada originalmente em Maio de 1974, portanto no contexto imediatamente pós-25 de Abril. O destinatário referido na saudação (“Caro amigo e camarada”) estende-se ao coletivo, os compatriotas, e a mensagem-recomendação (“*não vás a Belém*”) naquele momento de exacerbada euforia comemorativa é de “vigilância crítica”, “informação exigente”, “estudo”, “ação” e “recusa de palavras de ordem sumárias e imperativas”, porque a liberdade não é “outorgada”, mas “conquistada”, e a “exigência da liberdade e da libertação é permanente e sem fim” (LOURENÇO, 1976, p. 73-75).

Em 1975, um ano depois da Revolução dos Cravos, Eduardo Lourenço e Eduardo Prado Coelho mantiveram um debate através das páginas do *Jornal Novo*. Lourenço deflagrou-a (26/6/1975) com “Socialismo impuro. Carta aberta a Eduardo Prado Coelho”, resposta ao artigo de Prado Coelho publicado na *Capital* “sobre e em volta de Mário Soares e do socialismo que o seu nome evoca” (LOURENÇO, 1976, p. 121-127). Prado Coelho replicou com “Carta aberta I, II e III”, publicadas em três números do *Jornal Novo* (11, 13 e 14/8/1975, respectivamente). Lourenço fez a tréplica com “I Post Scriptum² para Eduardo Coelho” (20/8/1975) e “II

Post Scriptum para Eduardo Coelho” (21/8/1975) (LOURENÇO, 1976, p. 139-144). Anos mais tarde, além dos ensaios sobre os ensaios de Lourenço, Prado Coelho, em sua coluna no *Público*, a ele dedicaria “O Eduardo (1)” (22/5/2003) e “O Eduardo (2)” (23/5/2003), com intenção não de polemizar, mas de homenageá-lo pelos seus 80 anos.

Vinte anos antes, na revista *Prelo*, publicada por ocasião dos seus 60 anos, Lourenço já recebera duas cartas abertas: “A razão do ausente: carta aberta a um mito chamado Eduardo Lourenço”, que José-Augusto França (1984, p. 27-33) considerou a segunda “carta aberta” que lhe dirigia (a primeira, há vinte anos, foi sobre o ensaio “Pintura e anti-pintura”), e na qual percorreu mais de trinta anos de convívio com o “mito” Lourenço; e “Carta aberta” de Maria Velho da Costa (1984, p. 109-110), um belo retrato poético, a lembrar o das “cantigas de amigos amados que estão em *Cravo*”, com clara moldura epistolar (local e data, saudação, conteúdo com elementos de resposta à *carta viva* que recebera do amigo Lourenço, despedida e assinatura). Em sentido amplo, como o que França aplicou ao seu antigo ensaio sobre Lourenço, outros ensaios incluídos na *Prelo*, como “32 anos de convívio”, de Urbano Tavares Rodrigues (1984, p. 100-104), ou ainda os dois de Prado Coelho do *Público*, mesmo se assim não se intitulem, também poderiam ser considerados cartas abertas, sem esquecer, é claro, que as cartas abertas não são necessariamente de homenagem.

Outra polémica iniciou-se quando Eduardo Lourenço, sem imaginar que a provocaria, publicou no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (23/3/1987) o ensaio “Othelo ou a diferença como tragédia” (LOURENÇO, 2004, p. 175-182). Rui Knopfli reagiu com “‘Othelo’, ou a descoberta do descoberto”, ensaio com alguns elementos epistolares (começa com a saudação, “Meu Prezado Eduardo Lourenço”; data e local deslocados para o final), questionando vários aspectos das suas “incursões pela vasta coutada shakesperiana”, bem como a originalidade da sua abordagem da *diferença* como fulcro da tragédia, já contemplada por John Wain em *The Living World of Shakespeare*, de 1964 (KNOPFLI in LOURENÇO, 2004, 191-201). Sem se dirigir diretamente ao destinatário, conforme procedimento das outras cartas-ensaio, Lourenço replicou com “Resposta a um *Honorable Man*”, contestando objeções e lembrando, a respeito das considerações sobre o seu ensaio abrir “portas há muito abertas e [ele] ser costumeiro delas”, que “toda a cultura é uma história de portas abertas. Talvez só interesse a maneira de abri-las”. Quanto a Wain, “não o conhecia” quando escreveu o ensaio, mas “se o conhecesse, pela simples passagem citada, em nada alteraria a [sua] leitura”. Acrescentou uma informação “que Rui Knopfli não podia adivinhar”: seu “Othelo” foi redigido em 1967, duas décadas antes de ser publicado, avisando ainda, em nota, que “o original está à disposição dos interessados” (LOURENÇO, 2004, p. 185).

A tentação polémica prossegue com a publicação, nesse mesmo jornal, de um ensaio que em parte remete à forma epistolar, “Prémio e mitologia lusófona (resposta de Eduardo Lourenço a Carlos Reis)” (LOURENÇO, 10/5/1995, p. 47), réplica a “Prémio Camões: não se pode exterminá-lo”, ensaio de Carlos Reis (26/4/1995, p. 18-19) provocado pela leitura de “Para acabar com o Prémio Camões” de Lourenço (15/2/1995, p. 8 e 10).

Também no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* Lourenço publicou dois ensaios epistolares tendo como destinatário imediato Urbano Tavares Rodrigues: “Carta (meio) aberta ao Urbano” (1/2/1995, p. 45) e “Carta para

um amigo” (19/2/2003, p. 40), ambos com o propósito de homenageá-lo. Na primeira “carta” (*meio aberta*, a meio caminho entre a carta privada e a carta pública, entre preservar a intimidade de uma longa amizade e desvelar certos momentos privilegiados da comum geração), traça um painel da cultura portuguesa do século XX. Na segunda, a partir do encontro de ambos em Paris nos anos 50, evoca o percurso literário e celebra a atribuição do Prêmio Vida Literária (2002) ao amigo de mais de meio século.

4.

Em lugar de posições extremas, limites estreitos e hierarquias rígidas, Eduardo Lourenço busca sempre em seus ensaios um terceiro caminho, coerente com o permanente espírito de heterodoxia, reivindicação de liberdade que persegue desde os escritos da juventude. O ensaísta explora o potencial de liberdade e o hibridismo congênito que definem o ensaio, criando a partir das suas interseções com outros gêneros, nomeadamente com a literatura e a epistolografia.

Através do ensaio, arte do experimento, de pensar com beleza, aproxima-se dos poetas, e ao escolher a forma epistolar, com suas variações, alarga as possibilidades do gênero e ao mesmo tempo reafirma a *vontade de diálogo* (inclusive sob a forma de polêmica) que contraria a *forma mentis* do “comportamento nacional”, em que “tudo se passa como se não tivéssemos interlocutor” (LOURENÇO, 1991, p. 18). O desejo de criar, via escrita/leitura, um possível espaço de encontro/interlocução com o outro, não é, contudo, exclusivo do ensaio epistolar. No fundo, é um desejo subjacente à prática escritural, sobretudo à literatura, “pois que toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos” (COSTA; BARRENO; HORTA, 1979, p. 9).

Nos ensaios epistolares aqui contemplados observa-se que, sem prejuízo do debate de ideias e do exercício do livre pensar, avultam as cartas-homenagem. No caso das recebidas, consequência natural do (justo) reconhecimento de uma vida dedicada ao ensaio, e, no caso das enviadas, também fruto do longo percurso de quem viveu e vive intensa e heterodoxamente a pensar a cultura e a interpelá-la com um olhar comprometido com o seu tempo, com ela dialogando e com seus pares através de ensaios que se oferecem como preciosa memória histórica e cultural e verdadeiros presentes literários.

Notas

1 Em breve a volumosa correspondência de Eduardo Lourenço finalmente poderá ser conhecida, graças ao Projeto de Edição das Obras Completas (“Série de Cultura Portuguesa”, Fundação Calouste Gulbenkian) vinculado ao Projeto de Inventariação e Catalogação do Acervo de Eduardo Lourenço que decorre no âmbito das atividades do Centro Nacional de Cultura (Lisboa).

2 *Post Scriptum*: do latim, “escrito depois”. Pós-escrito, algo que se acrescenta após o fecho da carta e que serve para corrigir lapsos de memória, mas que também pode indicar que houve alterações depois de concluída a carta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- CATROGA, Fernando; GIL, José. *O ensaísmo trágico de Eduardo Lourenço*. Lisboa: Relógio d' Água, 1996.
- COELHO, Eduardo Prado. O Eduardo (1). *Público*, Lisboa, 22/5/2003. p. 13.
- _____. O Eduardo (2). *Público*, Lisboa, 23/5/2003. p. 7.
- _____. Eduardo Lourenço: aquele que agita o mar. In: _____. *O cálculo das sombras*. Porto: Asa, 1997, p. 121-123.
- _____. O ensaio em geral. In: _____. *O cálculo das sombras*. Porto: Asa, 1997. p. 18-49.
- COSTA, Maria Velho. Carta aberta. *Prelo*, Número Especial, Lisboa, IN-CM, Maio 1984. p. 109-110.
- COSTA, Maria Velho; BARRENO, M. Isabel; HORTA, M. Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- FRANÇA, José-Augusto. A razão do ausente: carta aberta a um mito chamado Eduardo Lourenço. *Prelo*, Número Especial, Lisboa, IN-CM, Maio 1984. p. 27-33.
- GOULART, Rosa Maria. Eduardo Lourenço: a Arte do Ensaio. In: BAPTISTA, Maria Manuel (coord.). *Eduardo Lourenço. Uma Cartografia Imaginária*. Câmara Municipal da Maia, 2003. p. 22-25.
- HANSEN, João Adolfo. Cartas de Antônio Vieira (1627-1697). In: VIEIRA, Antônio. *Cartas do Brasil*. Org. e Introd. de... São Paulo: Hedra, 2003. p. 8-74.
- KNOPFLI, Rui. "Othelo", ou a descoberta do descoberto. In: LOURENÇO, Eduardo. *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e outros ensaios*, Lisboa: Gradiva, 2003. p. 191-201.
- LOURENÇO, Eduardo. Carta aberta ao português que ainda não foi a Belém. In: _____. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976. p. 73-75.
- _____. I Post Scriptum para Eduardo Coelho. In: _____. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976. p. 129-138.
- _____. II Post Scriptum para Eduardo Coelho. In: _____. *O fascismo nunca existiu*. Lisboa: Dom Quixote, 1976. p. 139-144.
- _____. Carta a Camila. In: _____. *A morte de Colombo. Metamorfose e fim do Ocidente como mito*. Lisboa: Gradiva, 2005. p. 159-165.
- _____. Carta (meio) aberta) a Urbano. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 634, Lisboa, 1/2/1995. p. 45.
- _____. Carta melancólica aos leitores jovens do nosso país. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 1010, Lisboa, 17/6/2009. p. 16-17.
- _____. Carta para ninguém. In: SENA, Mécia de (org.). *Eduardo Lourenço/Jorge de Sena. Correspondência*. Lisboa: IN-CM, 1991a. p. 9-11.

- _____. Carta para um amigo, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 843, Lisboa, 19/2/2003. p. 40.
- _____. Eduardo Lourenço. Entrevista [por Adriano Schwartz], *Cult*, Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, Ano III, n. 27, Outubro 1999. p. 5-7.
- _____. A epistolografia em Portugal. Nota breve a uma breve antologia. *O Tempo e o Modo*, n. 42, Lisboa, Outubro de 1966. p. 972-975.
- _____. *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- _____. Montaigne como lugar vazio da nossa cultura. In: *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Número Especial em Homenagem a Maria de Lourdes Belchior, vol. XXXVII, Lisboa-Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1988. p. 275-281.
- _____. *A Nau de Ícaro*. Lisboa: Gradiva, 1999a.
- _____. Othelo ou a diferença como tragédia. In: _____. *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e outros ensaios*. Lisboa: Gradiva, 2004. p. 175-182.
- _____. Para acabar com o Prémio Camões. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 635, Lisboa, 15/2/1995. p. 8 e 10.
- _____. Prémio Camões e mitologia lusófona (resposta de Eduardo Lourenço a Carlos Reis), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 641, Lisboa, 10/5/1995. p. 47.
- _____. Resposta a um *Honorable Man*. In: _____. *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e outros ensaios*, Lisboa: Gradiva, 2004. p. 183-188.
- REIS, Carlos. Prémio Camões: não se pode exterminá-lo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 640, 26/4/1995. p. 18-19.
- _____. A poética do ensaio. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 667, Lisboa, 8/5/1996. p. 4-8.
- RIAUDEL, Michel. Correspondência secreta (Ana Cristina César). In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádía. *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 95-99.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. 32 anos de convívio. *Prelo*, Número Especial, Lisboa, IN-CM, Maio 1984. p. 100-104.
- SOARES, Maria de Lourdes. A obra de Eduardo Lourenço e Annie de Faria – um testemunho do afeto (seguido de “O poeta e os outros”, ensaio inédito do “jovem crítico” Lourenço). *Metamorfoses*, Lisboa, nº 4, Editorial Caminho/Cátedra Jorge de Sena – UFRJ, 2003. p. 55-62.
- VALENTIM, Cláudia Atanázio. *O romance epistolar português na segunda metade do século XX*. UFRJ, 2006 (Tese de Doutorado).

(Recebido para publicação em 3/11/2010,

Aprovado em 6/12/2010)